



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**  
**GRADUAÇÃO PEDAGOGIA**

**ANA CLARA DE ARAUJO**

**SINGULARIDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS  
AUTISTAS**

**Brasília, DF**

**2025**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**  
**GRADUAÇÃO PEDAGOGIA**

**ANA CLARA DE ARAUJO**

**SINGULARIDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS  
AUTISTAS**

**Monografia apresentada ao curso de Pedagogia  
da Universidade de Brasília, como requisito para  
obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.**

**Orientador (a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Fatima Lucília  
Rodrigues Vidal**

**Brasília, DF**

**2025**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, minha eterna gratidão pela dádiva da vida, pela força que me sustentou em todos os momentos e pelo discernimento que me permitiu superar cada obstáculo ao longo desta caminhada. Sem sua presença, nada disso teria sido possível.

Aos meus pais e ao meu irmão Guilherme, que foram essenciais em cada etapa desta jornada. Obrigada por acreditarem em mim, mesmo nos dias mais difíceis, por me apoiarem com palavras de incentivo e por compreenderem minha ausência durante as longas horas destinadas a este trabalho. Vocês foram minha base e meu porto seguro.

A minha tia Rayssa, que mesmo distância nunca deixou de zelar por mim. Suas palavras de confiança e fé me fortaleceram quando pensei em desistir, e me lembrava de que sempre vale à pena continuar acreditando no processo.

Ao meu namorado, Gustavo Luiz, um dos presentes mais valiosos que a Universidade me trouxe. Obrigada por ser calmária em meio as minhas turbulências, por caminhar ao meu lado e por me mostrar que o amor também é apoio, paciência e parceria.

Aos meus amigos Maryana, Rayssa, Vitoria e Silvio, minha mais sincera gratidão. Vocês são as traduções vivas da frase “quem tem um amigo, tem tudo!”. A vida foi generosa quando colocou cada um de vocês no meu caminho. De forma única, cada um de vocês acrescentou um pouco de si em mim e tornou essa trajetória mais leve e inesquecível.

À professora Fátima, que acompanhou este trabalho com dedicação. Obrigada pela paciência, pelos ensinamentos e pelas trocas que ampliaram meu olhar e me ajudaram a crescer tanto profissionalmente quanto no âmbito pessoal. Seu empenho foi fundamental para que este momento se tornasse realidade.

À Universidade de Brasília, essencial no meu processo de formação profissional. Obrigada por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso!

Por fim, agradeço a todas as pessoas com quem convivi ao longo destes anos de curso. Cada incentivo, cada palavra e cada gesto de apoio deixaram marcas na minha formação acadêmica e humana. Levo comigo um pouco de cada experiência compartilhada, obrigada por tudo que contribuiu para que eu chegasse até aqui.

**Dedico este trabalho a minha querida avó, exemplo maior de dedicação, força e perseverança. Sua história e a inspiração que guia toda a nossa família, e me sinto imensamente privilegiada por compartilhar esta vida ao seu lado. Todo o esforço e cada conquista deste percurso são, com muito amor, oferecidos a você, minha amada vovó.**

***“Todos os dias quando acordo, não tenho mais o tempo que passou, mas tenho muito tempo, temos todo o tempo do mundo”***

***Legião Urbana***

## RESUMO

Este trabalho tem como temática as singularidades no processo de alfabetização de crianças autistas. A escolha do tema justifica-se pela relevância em discutir práticas inclusivas que reconheçam a diferença nos processos de alfabetização em ambiente escolar e assegurar o direito a essa etapa fundamental do desenvolvimento humano. Considerar as singularidades no processo de alfabetização de crianças autistas significa reconhecer que cada estudante possui ritmos, formas de expressão e modalidades de aprendizagem distintas, o que exige da escola estratégias pedagógicas sensíveis, éticas e humanizadas. O objetivo geral é investigar como se constituem as singularidades no processo de alfabetização de crianças autistas, enquanto os objetivos específicos consistem em apresentar o conceito contemporâneo de autismo e suas implicações no campo educacional, compreender como ocorre a alfabetização de crianças autistas e refletir sobre o papel do educador como conciliador afetivo e cognitivo. Essa pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, combinando revisão de literatura exploratória e observação de campo registrada em um diário, o que também possibilitou analisar práticas pedagógicas e interações no cotidiano escolar. Os resultados mostram que a alfabetização de crianças autistas exige uma metodologia que considere o ritmo, os interesses da criança, e que possa valorizar o vínculo afetivo como elemento principal para o processo do ensino e aprendizagem. Constatou-se que o vínculo afetivo entre professor e aluno é um fator determinante para o desenvolvimento e aprendizagem cognitivo, emocional e social, tornando assim o ambiente da escola significativo para as crianças. Entende-se que o processo de alfabetização de crianças autistas, deve ser pensado como uma criação conjunta entre família e escola, destacando a escuta ativa e a valorização das neurodiversidades ao longo do processo de alfabetização. É notório que a afetividade é fundamental nos processos, pois é por meio dela que o professor se torna um mediador sensível, capaz de enxergar mais adiante as limitações educacionais que possam existir, e pode promover o desenvolvimento íntegro do aluno.

**Palavras-chave:** Educação; Autismos; Alfabetização; Inclusão Escolar.

## ABSTRACT

This paper focuses on the unique characteristics of the literacy process for autistic children. The choice of topic is justified by the relevance of discussing inclusive practices that recognize the difference in literacy processes in the school environment and ensure the right to this fundamental stage of human development. Considering the unique characteristics of the literacy process for autistic children means recognizing that each student has different rhythms, forms of expression, and learning styles, which requires sensitive, ethical, and humanized pedagogical strategies from the school. The general objective is to investigate how the unique characteristics of the literacy process for autistic children are constituted, while the specific objectives are to present the contemporary concept of autism and its implications in the field of education, understand how the literacy of autistic children occurs, and reflect on the role of the educator as an affective and cognitive conciliator. This research was conducted using a qualitative approach, combining exploratory literature review and field observation recorded in a diary, which also made it possible to analyze pedagogical practices and interactions in everyday school life. The results show that the literacy of autistic children requires a methodology that considers the child's pace and interests and that can value the affective bond as a key element in the teaching and learning process. It has been found that the emotional bond between teacher and student is a determining factor for cognitive, emotional, and social development and learning, thus making the school environment meaningful for children. It is understood that the process of teaching autistic children to read and write should be thought of as a joint effort between family and school, emphasizing active listening and valuing neurodiversity throughout the literacy process. It is clear that affection is fundamental to the process, as it is through affection that teachers become sensitive mediators, capable of seeing beyond any educational limitations that may exist and promoting the student's integral development.

**Keywords:** Education; Autism; Literacy; School Inclusion.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	- Capes periodicos .....	24
<b>Tabela 2</b>	- Scielo .....	24
<b>Sumário</b>		
<i>Agradecimentos</i> .....		3
<i>Dedicatória</i> .....		4
<i>Resumo</i> .....		6
<i>Abstract</i> .....		7
<i>Lista de tabelas</i> .....		8
<i>Apresentação do trabalho</i> .....		10
<i>Uma trajetória, meu memorial</i> .....		11
<i>Uma pergunta, meu artigo</i>		
1. <i>Introdução</i> .....		15
2. <i>alfabetização aliada aos processos inclusivos</i> .....		17
3. <i>Autismo: caminho histórico de um conceito</i> .....		19
4. <i>A importância da alfabetização de crianças autistas</i> .....		20
5. <i>Metodologia</i> .....		23
5.1. <i>O processo de revisão de literatura</i> .....		24
5.2. <i>A construção do diário de campo e recortes de uma prática</i> .....		30
6. <i>Discussão dos dados</i> .....		32
7. <i>Considerações finais</i> .....		35

## **APRESENTAÇÃO DO TRABALHO**

A estrutura do trabalho foi organizada em duas partes principais: a entrega de um memorial, onde apresento minha trajetória pessoal e formativa, e um artigo que trata sobre as singularidades do processo de alfabetização de crianças autistas.

Na segunda parte, trato do autismo e alfabetização, assunto de tamanha relevância diante das demandas contemporâneas por uma educação inclusiva, democrática e humanizada. A escolha desta temática surgiu das experiências práticas vivenciadas no estágio supervisionado não obrigatório, as quais me possibilitaram fazer reflexões sobre a importância do vínculo afetivo, entre professor e aluno, das metodologias diferenciadas e do papel do educador na conciliação da aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista.

Parte desse trabalho foi dedicada à revisão teórica, a qual discute conceitos fundamentais sobre o autismo, a alfabetização e as práticas pedagógicas inclusivas, além de destacar os principais desafios e contribuições da literatura especializada. Outra parte corresponde à investigação prática, realizada a partir de observação e registros em um diário de campo, com análise qualitativa de recortes de situações vivenciadas em contexto escolar, possibilitando uma aproximação entre teoria e prática.

Assim, este estudo busca contribuir para a compreensão das especificidades que envolvem o processo de alfabetização de crianças autistas, evidenciando a necessidade de estratégias que respeitem suas particularidades, e promovam seu pleno desenvolvimento.

## UMA TRAJETÓRIA, MEU MEMORIAL

Iniciar este relato foi, sem dúvidas, o momento mais desafiador. Falar sobre si mesmo exige revisitar memórias, emoções, sonhos e medos. Mas por onde começar? Apesar da complexidade que envolve refletir sobre a própria trajetória, é preciso dar o primeiro passo.

Meu nome é Ana Clara de Araújo, nascida em Ceilândia, no dia 28 de julho de 2002. Fui uma criança prematura, apressada para nascer, mas, ao mesmo tempo, traço que se consolidou como característica marcante da minha personalidade. Sou a filha do meio de Mariana e Cleudson, irmã de Gustavo, com 23 anos, e Guilherme, com 20. Meus pais são, para mim, grandes exemplos de superação e coragem. Meu pai, natural da Paraíba, é filho de Laurentina e José Bidó, pessoas que admiro profundamente por sua fé, força e amor incondicional, os quais permitiram a criação de 16 filhos com dignidade e esperança. Já minha mãe enfrentou uma realidade diferente, marcada por abandono e separações familiares. Mesmo diante das adversidades, manteve-se firme, tornando-se um símbolo de perseverança em nossa família.

Desde muito pequena, meus pais me mostraram que a educação era a chave para um futuro promissor. Iniciei a vida escolar ainda bebê, em uma creche, enquanto minha mãe trabalhava para garantir nosso sustento. Tenho poucas lembranças dessa fase, pois enfrentei dificuldades familiares que, de certa forma, criaram bloqueios emocionais.

A segunda etapa marcante da minha trajetória iniciou-se com minha entrada na Escola Fundação Bradesco. Minha mãe, determinada, permaneceu por dias em uma fila presencial até conseguir uma vaga para mim. À época, eu não tinha noção da grandiosidade daquela oportunidade, que transformaria positivamente minha vida. Iniciei o 1º ano sob os cuidados da professora Roberta. O primeiro dia de aula foi repleto de sentimentos: alegria, medo e saudade da minha mãe. Contudo, fui acolhida de maneira tão carinhosa que criei um vínculo afetivo especial com minha professora. No decorrer da minha formação nos anos iniciais, tive a alegria de aprender com educadores apaixonados pela docência. Seu carinho e dedicação criaram experiências significativas, que deixaram marcas afetivas profundas e inesquecíveis em minha formação.

Desde a infância, sempre fui uma criança comunicativa, extrovertida e com espírito de liderança. Costumava organizar grupos de dança durante os intervalos e me destacava nas áreas humanas e artísticas. Apesar das dificuldades em matemática, esforçava-me ao máximo, mesmo diante de lágrimas, para alcançar bons resultados.

Durante o 9º ano, minha perspectiva educacional ganhou um novo significado. Tive a oportunidade de ser aluna de dois professores apaixonados pela docência: Paulo Evandro, de História, e Gustavo, de Matemática. Suas aulas planejadas e dinâmicas nos despertavam o interesse e encantamento. A dedicação de ambos foi tão inspiradora que, pela primeira vez, considerei a possibilidade de seguir a carreira docente, embora ainda de forma distante e incerta.

No ensino médio, enfrentei os desafios típicos da preparação para o vestibular, marcada por pressões, atividades extracurriculares e momentos de incerteza. Ainda assim, vivi experiências significativas, como minha participação no Comitê Estudantil da escola. Nossa função era desenvolver projetos que envolvessem toda a comunidade escolar, promovendo a convivência e a troca de experiências. Um dos projetos mais marcantes foi o “Tour pela Escola”, voltado para a educação infantil, que incluiu uma tarde de contação de histórias, brincadeiras e um festival do sorvete. Tive a responsabilidade de coordenar toda a atividade, vivência que marcou profundamente minha jornada escolar.

Foi nesse contexto que minha professora de Língua Portuguesa, Anne, me fez uma pergunta simples, mas transformadora: “Qual profissão você deseja seguir após o ensino médio?” Diante da minha hesitação, ela compartilhou uma observação que mudaria minha vida: “Você reparou no brilho dos seus olhos ao estar com aquelas crianças? No quanto estava à vontade, como se tivesse nascido para isso? Você tem a essência de uma professora.” Naquele momento, percebi que meu caminho estava se desenhando diante de mim. A sensibilidade e percepção da professora Anne foram determinantes para minha escolha profissional e para o fortalecimento da minha identidade.

Minha entrada na Universidade de Brasília (UnB) ocorreu por meio do Programa de Avaliação Seriada (PAS), do qual participei realizando todas as três etapas. A última avaliação foi realizada no período pós-pandemia, um momento de grande incerteza e instabilidade, no qual eu não me sentia minimamente confiante quanto à possibilidade de aprovação. Diante disso, decidi traçar um plano alternativo, caso o resultado não fosse positivo.

Comecei a trabalhar em uma área relacionada às finanças, apesar de não ter nenhuma afinidade com o setor. No entanto, a necessidade financeira falou mais alto, pois eu precisava garantir recursos para custear uma possível graduação em instituição particular. Aproximadamente um mês e meio após a realização da última etapa do PAS, a UnB divulgou a lista de aprovados. Um amigo, que também havia participado do processo seletivo, verificou o próprio nome na lista e, ao mesmo tempo, encontrou o meu. No entanto, ele optou por não me contar imediatamente, sugerindo que eu mesma conferisse o site.

Estava extremamente ansiosa e descrente, mas, ao verificar a lista e encontrar meu nome entre os aprovados, fui tomada por uma avalanche de emoções. A alegria foi imensa, e a ficha demorou a cair. A conquista teve um significado ainda maior por eu ter sido a primeira neta, filha e sobrinha a ingressar em uma universidade pública. Foi um momento de grande emoção para toda a minha família. Fui surpreendida pela minha família, fizeram um trote comigo, tacaram ovo, farinha, fizeram cartazes e fui acolhida com muito amor.

Minha trajetória na UnB tem sido marcada por um processo intenso de autoconhecimento. Pude vivenciar a universidade em sua totalidade: participei de eventos acadêmicos e culturais, conheci diferentes cursos, palestras e espaços, e construí vínculos com pessoas que se tornaram essenciais ao longo desses quatro anos. Em um momento em que eu já não acreditava mais, tive também a oportunidade de vivenciar o amor que sempre sonhei. Encontrei um parceiro que acredita em mim, valoriza meu potencial, me mantém otimista e, acima de tudo, me proporciona a serenidade de um amor tranquilo.

Durante minha trajetória acadêmica na Universidade de Brasília (UnB), tive a oportunidade de realizar o estágio não obrigatório numa escola de educação básica. Essa experiência representou meu primeiro contato direto com a docência, ainda nos períodos iniciais do curso, quando eu possuía pouca ou quase nenhuma experiência prática na área educacional.

Minha principal função na escola foi acompanhar um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA), nível de suporte 2, não verbal e com dificuldades significativas de socialização. As estereotípias apresentadas por ele eram bastante evidentes, o que tornava o desafio da nossa comunicação ainda maior. No entanto, a disciplina de Educação Inclusiva, cursada na universidade, foi fundamental nesse processo. A partir dela, adquiri conhecimentos teóricos sobre o autismo, os quais puderam aplicar diretamente na prática pedagógica com esse aluno.

O início da experiência foi bastante desafiador, pois eu não sabia ao certo como realizar abordagens adequadas ou conduzir determinadas situações. Felizmente, contei com o acolhimento e a orientação da professora regente, bem como com o apoio da família do estudante, o que me proporcionou segurança e tranquilidade para desenvolver meu trabalho.

Durante um ano, realizamos um trabalho conjunto estagiária, professora e família com o aluno João, que estava vivenciando, pela primeira vez, a experiência escolar. Desenvolvemos dinâmicas e atividades que incentivassem sua interação com os colegas, buscando promover sua autonomia tanto nas tarefas escolares quanto nos cuidados pessoais. Um dos principais objetivos era que ele conseguisse ir ao banheiro sozinho, uma vez que, inicialmente, apresentava dificuldades e, por vezes, acabava fazendo suas necessidades na sala de aula.

Por ser não verbal, João apresentava barreiras significativas na comunicação. Para auxiliá-lo nesse aspecto, passamos a trabalhar com palavras de ação, como “lanchar”, “escrever”, “correr” e “sair”, facilitando sua expressão de desejos e necessidades. Posteriormente, avançamos para a construção de frases mais complexas, como “quero brincar” e “ir ao banheiro”. Essa estratégia permitiu que ele desenvolvesse formas de comunicação mais eficientes e funcionais.

Com o passar do tempo, João apresentou avanços significativos, criamos um vínculo afetivo muito bonito e genuíno, e acompanhar seu desenvolvimento foi uma das experiências mais marcantes e gratificantes da minha formação. Sentir que contribuí para sua evolução, mesmo que em um curto período, foi profundamente realizador. Durante a minha despedida com o João, como forma de agradecimento por esse 1 ano juntos, apresentei ele com um peixinho beta, foi muito bonito de se ver a alegria estampada em seu rosto, guardo essa vivência com

muito carinho, pois ela reafirmou minha escolha pela docência e me mostrou, na prática, o impacto transformador da educação inclusiva.

Atualmente, encontro-me atuando como auxiliar de sala no Colégio Logosófico, uma instituição cuja proposta pedagógica difere significativamente das abordagens tradicionais. A pedagogia adotada pelo colégio valoriza o desenvolvimento do ser interno da criança, promovendo um olhar mais humanizado e integral sobre o processo educativo.

Essa vivência tem se mostrado bastante singular, oferecendo-me grandes oportunidades de aprendizagem, bem como autonomia para atuar de forma ativa no ambiente escolar. O colégio proporciona um espaço acolhedor para o crescimento profissional, sendo atencioso e cuidadoso com os estagiários durante todo o período de formação prática.

Ao revisitar minha trajetória pessoal e acadêmica, percebo que todas as experiências vividas ao longo dos anos contribuíram significativamente para a construção do meu olhar sensível e humanizado sobre a educação. Desde o primeiro contato com a docência até a atuação em contextos inclusivos, como no acompanhamento de uma criança com autismo durante o estágio numa escola de educação básica, compreendi que as relações afetivas são fundamentais para o desenvolvimento pleno do aluno especialmente no processo de alfabetização de crianças autistas. Essa vivência foi determinante para a escolha do tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso: Como as relações afetivas influenciam de forma positiva no processo de alfabetização de crianças autistas. Acredito que o vínculo afetivo entre educador e educando não apenas favorece a aprendizagem, como também promove um ambiente seguro e acolhedor, onde a criança se sente motivada a interagir, explorar e se desenvolver. O afeto, portanto, torna-se ferramenta essencial na prática pedagógica, e é a partir dessa compreensão que busco fundamentar e orientar minha atuação docente.

A partir da minha experiência de estágio obrigatório e não obrigatório, a temática em relação ao autismo e, especialmente, os processos de alfabetização dessas crianças, chamaram muito minha atenção, e queria dar continuidade nessa experiência estudando e compreendendo todo esse processo.

Em relação às minhas perspectivas futuras, tenho como principal objetivo conquistar a aprovação em um concurso público da Secretaria de Educação, assumindo, assim, o cargo de professora regente. Almejo trabalhar diretamente em sala de aula, especialmente no processo de alfabetização, área pela qual nutro grande admiração e interesse. Estou plenamente focada nesse propósito profissional, empenhando-me para que ele se concretize o mais breve possível.

## UMA PERGUNTA, MEU ARTIGO

### *1. INTRODUÇÃO*

A temática escolhida para esse trabalho “Singularidades no processo de alfabetização de crianças autistas” traz uma manifestação importante seguida de um crescente reconhecimento das diversidades encontradas no ambiente escolar. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve um conjunto de características variantes que afetam, entre outros aspectos, a comunicação, a socialização, o comportamento, e a interação social. No contexto da alfabetização, essas particularidades encontradas exigem dos profissionais abordagens pedagógicas que respeitem o andamento e as singularidades de aprendizagem de cada criança. Compreender essas singularidades no processo de alfabetização é imprescindível para construir práticas pedagógicas inclusivas e afetivas com essas crianças.

A escolha desse tema se deu por entender e acreditar na grande importância de uma educação emancipatória, que vá além dos muros da escola e garanta processos de alfabetização a todas as crianças, com ou sem deficiência. A alfabetização é uma etapa fundamental na vida de qualquer criança, por isso, precisamos garantir que esse processo seja respeitoso, acessível e comprometido ética e pedagogicamente. O meu interesse teve um despertar por meio das vivências no estágio não obrigatório, onde pude perceber o quanto uma escuta ativa somada à sensibilidade do professor e as mudanças pedagógicas necessárias, fazem sim, uma grande diferença no processo de ensino e aprendizagem das crianças autistas.

O intuito desse trabalho é colaborar com a construção de um olhar mais sensível e empático às particularidades que são encontradas nesses sujeitos, apresentando discussões que irão auxiliar em sua participação ativa nesse processo, promovendo autonomia, escuta ativa, e o mais importante, o direito à aprendizagem das crianças autistas. Afinal, sabemos que quando reconhecemos e valorizamos as singularidades, damos um passo necessário à garantia de uma escola mais humana e democrática.

A temática desse trabalho “Singularidades no processo de alfabetização de crianças autistas” se configura em um campo de estudo o qual se mostra cada vez mais relevante diante das exigências de uma educação especial inclusiva. A questão central que orienta a pesquisa pode ser sintetizada na seguinte pergunta: como se constituem as singularidades no processo de alfabetização de crianças autistas? Ligado diretamente a questão de pesquisa, o objetivo geral é investigar como se constituem as singularidades no processo de alfabetização de

crianças autistas e, de forma complementar, o estudo estabelece como objetivos específicos compreender o conceito contemporâneo de autismo e sua relação com a educação, investigar os processos históricos que levaram ao conceito atual de autismo, compreender como ocorre o processo de alfabetização em crianças autistas e refletir sobre o papel do educador na construção do processo de alfabetização das crianças autistas.

Para fazer a investigação da temática escolhida e alcançar os objetivos propostos o processo metodológico se desenvolve a partir de uma abordagem qualitativa, a qual possibilitou uma compreensão mais aprofundada das experiências e dos contextos vivenciados por crianças autistas no processo de alfabetização no espaço pedagógico acompanhado por mim. A pesquisa fez a combinação de dois caminhos que se complementam: uma revisão de literatura exploratória, com o objetivo de construir um embasamento teórico mais aprofundado acerca do conceito de autismo e alfabetização, e uma observação de campo, que permitiu investigar mais diretamente as práticas pedagógicas no contexto escolar acompanhado.

Os procedimentos metodológicos escolhidos foram uma observação participante e um diário de campo como instrumentos que permitiram contribuir para o registro das interações, os comportamentos e as estratégias pedagógicas escolhidas na experiência pedagógica com os alunos. Esses materiais contribuirão para observar aspectos subjetivos no cotidiano escolar, podendo fazer uma ampliação da compreensão sobre as particularidades envolvidas no processo de alfabetização.

Essa combinação de fontes teóricas e dados empíricos possibilitaram a análise e as reflexões mais próximas da realidade educacional, respeitando a complexidade do tema e valorizando a escuta atenta às experiências dos sujeitos envolvidos.

Este trabalho se divide em duas partes. A primeira corresponde ao referencial teórico, no qual são discutidos os conceitos fundamentais sobre autismo, alfabetização e práticas inclusivas, bem como os desafios e as possibilidades que se apresentam no campo educacional. A segunda parte refere-se a pesquisa empírica, que inclui a descrição da metodologia utilizada, a análise dos dados e a discussão dos resultados da literatura revisada e acionada também na primeira parte do trabalho. Desta forma, buscamos articular teoria e prática para contribuir com reflexões significativas acerca da alfabetização de crianças autistas. O trabalho encerra apresentando as considerações finais.

## *2. ALFABETIZAÇÃO, ALIADA AOS PROCESSOS INCLUSIVOS.*

O processo de Alfabetização é uma etapa muito importante no desenvolvimento educacional de uma criança, e por meio dela que possibilitará ao aluno fazer parte do universo da linguagem escrita e o desenvolvimento das habilidades necessárias à comunicação, à autonomia e ao pensamento crítico. De acordo com Soares (2003), alfabetizar não se restringe ao ato de ensinar a decodificar letras e sílabas, mas envolve a apropriação de um código cultural que permite à criança atuar como sujeito em sua realidade social. Relaciona-se, portanto, com um processo que faz referência ao desenvolvimento linguístico, cognitivo e social, que surge em práticas pedagógicas que respeitam o contexto de vida onde essas crianças estão inseridas, assim como as experiências prévias dos alunos.

Durante os primeiros anos no ensino fundamental, as atividades pensadas sobre alfabetização envolvem fazer o reconhecimento das letras e dos sons, a organização de sílabas e palavras, tal como o treino da coordenação motora fina, que ajuda no processo da escrita. Mas, portanto, é fundamental fazer a diferenciação do processo de letramento e da alfabetização, os dois termos são frequentemente confundidos. A alfabetização se dá através da aquisição do sistema de escrita alfabético-ortográfico, logo o letramento envolve o uso social da leitura e da escrita nas práticas do cotidiano. Silva e Santos (2020) esclarecem que alfabetizar é ensinar a ler e escrever, enquanto letramento significa ensinar a usar a leitura e a escrita de forma significativa no cotidiano. Essa distinção, contudo, não pressupõe separação. Como afirma Soares (2018), alfabetizar letrando é uma prática pedagógica que alia o domínio do código à sua função social, sendo mais eficaz para formar leitores e escritores competentes.

Contudo, a alfabetização se entende como um acontecimento educacional, social e cultural que vai bem além da parte técnica, exige a participação de toda comunidade escolar. Batista e Soares (2005), em estudos do Ceale/UFMG, destacam que uma prática alfabetizadora eficaz deve articular teoria e prática, respeitar as etapas do desenvolvimento infantil e promover situações reais de leitura e escrita, a fim de formar sujeitos críticos, participativos e conscientes de seu papel social.

Baseando nessas perspectivas, torna-se fundamental refletir sobre os desafios encontrados na alfabetização de crianças autistas em contextos escolares. Para que o processo de alfabetização ocorra de maneira significativa, faz-se necessária a garantia da inclusão plena dessas crianças a partir da sua entrada na escola. O objetivo é derrubar as barreiras que vão

encontrar pelo caminho sejam elas físicas, pedagógicas, atitudinais ou sociais. A composição de um ambiente acolhedor e de pertencimento precisa estar presente no Projeto Político-Pedagógico (PPP) dando formas concretas de valorização da diversidade e promovendo a educação inclusiva dentro da escola.

A alfabetização de crianças do Espectro Autista requer um tratamento pedagógico sensível, planejada e fundamentada em estratégias que respeitem as características específicas desses estudantes. A personalização do ensino é apontada por Brites e Brites (2019) como essencial, considerando-se que cada criança autista apresenta um conjunto único de habilidades, interesses e dificuldades.

Além disso, Gaiato (2018) defende o uso de materiais adaptados e de atividades centradas nos interesses da criança como formas de manter sua atenção e engajamento. Segundo a autora, é importante que os objetivos estejam claros e que as tarefas sejam curtas, diretas e organizadas de forma visual. Essas estratégias favorecem a aprendizagem e contribuem para o avanço da criança no processo de alfabetização.

Estudos mais recentes, como os de Fernandes e Pereira (2022), apontam que o apoio da escola e o envolvimento da família são fatores determinantes para o sucesso da alfabetização de crianças com TEA. O conjunto entre escola, família e a equipe multiprofissional permite que durante esse processo educativo ocorra de forma mais incorporada e que seja oferecida respostas mais diretas e eficazes às demandas de ensino e aprendizagem desses alunos.

Desse modo, a alfabetização de crianças do Espectro Autista deve ser compreendida como um direito essencial cujo sua efetivação exige ações bem definidas e colaborativas. O comprometimento com a inclusão vai além de uma cultura escolar que valorize a diversidade, precisa garantir possibilidades de alfabetização como um dos aspectos fundamentais de acesso às aprendizagens escolares de forma significativa e cidadã.

### *3. AUTISMO, o caminho histórico de um conceito.*

O Transtorno do Espectro Autista, conhecido pela sigla TEA, é uma condição do neurodesenvolvimento que é caracterizado por suas singularidades contínuas na comunicação social, nos padrões de comportamento repetitivos e restritos, além de ter diferentes formas de interação com o mundo ao seu redor.

Inicialmente descrito por Leo Kanner em 1943, o autismo ainda é, em muitos aspectos, um campo que desafia os saberes médicos, psicológicos e educacionais, principalmente por sua diversidade de manifestações e pela complexidade do diagnóstico (APA, 2014; Santos, 2019).

Ao longo das últimas décadas a compreensão do autismo tem evoluído com rapidez, sendo assim na atualidade amplamente entendido como um Espectro, ou seja, um conjunto de diversas manifestações clínicas que variam nos graficamente, tendo diferenças nas necessidades de apoio com base em suas necessidades.

O diagnóstico do TEA, conforme a Classificação Internacional de Doenças (CID-11) e o DSM-5, deve considerar aspectos como o prejuízo na comunicação verbal e não verbal, a rigidez em seu comportamento, o interesse por rotinas, e reações sensoriais diferenciadas, que se manifestam desde os primeiros anos de vida. (APA, 2014; FCEE, 2024). A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que uma em cada 100 crianças no mundo esteja dentro do espectro, o que evidencia a urgência de políticas públicas de saúde, educação e inclusão voltadas para esse público. Ainda assim, não há um marcador biológico definitivo para o autismo, o que torna o processo diagnóstico dependente da observação clínica cuidadosa e da escuta sensível por parte dos profissionais envolvidos (Heleno et al., 2020).

O impacto do diagnóstico sobre as famílias é muito profundo, Schmidt (2013) aponta que os pais muitas vezes vivenciam estágios emocionais semelhantes ao luto, que incluem negação, raiva, culpa e, posteriormente, aceitação. Durante esse processo, é de grande importância procurar acesso às informações, apoio por parte de profissionais especializados na área. Tony Attwood (2008), enfatiza que o suporte adequado à família e à escola é determinante para o progresso da criança com TEA, especialmente no desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais.

Sendo assim, falar a respeito do autismo hoje em dia é defender uma ideia mais humana e inclusiva de uma sociedade. Fazer o reconhecimento da neurodiversidade é uma concepção que valoriza as diferenças nas formas de funcionamento e nos convida a desenvolver práticas que promovam a participação plena das pessoas autistas nos espaços sociais, educacionais e culturais.

#### *4. A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS*

Quando se trata da alfabetização de crianças autistas, o processo, embora seja exaustivo e desafiador, é absolutamente possível e necessário. Embora as crianças dentro desse espectro tenham suas especificidades, vimos a exigência de um olhar sensível e atento, uma escuta ativa e de uma prática pedagógica que respeite o seu andamento, suas limitações, a as diferentes formas de expressão, e sobretudo suas formas singulares de compreender o mundo em sua volta.

Os desafios encontrados no processo de alfabetização de crianças autistas vão além do desenvolvimento de métodos tradicionais de ensino. Exigem práticas pedagógicas que sejam reelaboradas, dinâmicas, acolhedoras e inclusivas, que considerem não apenas o conteúdo, mas o contexto social no qual essas crianças possam estar inseridas e seus interesses, assim como hiperfocos, por exemplo. Como destacam Almeida, Oliveira e Sales (2022), alfabetizar crianças autistas na escola regular demanda conhecimento técnico, sensibilidade e comprometimento. Neste contexto, o papel do docente é fundamental, sendo ele o principal mediador entre o aluno e o conhecimento. É por meio de práticas adotadas, de escuta ativa e de observação constante que se torna possível enxergar estratégias eficazes para cada criança.

Antes de dar início ao processo de alfabetização, é fundamental que haja uma inclusão plena, concreta e intencional das crianças autistas. Portanto, isso possibilitará a quebra de barreiras sendo elas de comunicação, socialização, arquitetônicas e atitudinais. Garantir, mesmo que isso seja um desafio, um ambiente no qual a criança sinta seu pertencimento aquele espaço, onde haja respeito à diversidade e que não seja apenas um discurso bonito a ser colocado na prática do cotidiano escolar. Como aponta a pesquisa de Santos e Silva (2021), a construção de um ambiente escolar inclusivo deve ser alicerçada em políticas públicas efetivas e na formação continuada dos docentes, capazes de lidar com a complexidade que envolve o ensino em contextos diversos.

A literatura especializada reforça a grande importância da adequação de materiais didáticos e das atividades como uma das chaves fundamentais para o sucesso nesse processo. De acordo com Gaiato (2018), utilizar os interesses específicos da criança como um grande ponto de partida, propor tarefas curtas e mais diretas, fazer uso do reforço positivo são estratégias que contribuem de maneira positiva para a manutenção do foco e para a motivação do aluno. Esses tipos de prática ganham grandes destaques quando são associados à

organização da rotina, ao uso de recursos visuais, como quadros de rotina, figuras ilustrativas e sistemas de comunicação alternativa, confeccionados pelos docentes.

A esse respeito, Brites e Brites (2019) afirmam que cada criança com autismo possui formas únicas de aprender, interagir e se expressar, o que exige do professor a capacidade de personalizar suas abordagens, respeitando o tempo e as necessidades de cada aluno. Portanto, para os autores, a personalização do ensino, nesse caso, não tem tanta diferença, mas contém uma necessidade pedagógica que deve ser considerada desde o planejamento até a avaliação.

O estudo de Alves e Amorim (2022), publicado na Revista Acervo, mostra que a alfabetização de alunos com TEA não pode ser vista como algo isolado, desvinculado do projeto político-pedagógico da escola. É necessário que a instituição de ensino assuma uma postura ativa na promoção da inclusão, oferecendo formação continuada aos docentes, um suporte técnico e de materiais adequados. Compreende-se que a aprendizagem não acontece da mesma forma para todos e que, portanto, a flexibilização das metodologias e o trabalho colaborativo entre professores, gestão pedagógica, equipe multidisciplinar e família são indispensáveis.

Em complemento, Sousa e Rocha (2023), em estudo divulgado pela Revista Educação Especial, enfatizam a importância da escuta ativa qualificada e da valorização das formas alternativas de comunicação que muitas crianças autistas utilizam, especialmente nos anos iniciais de escolarização. Essas formas devem ser vistas como pontes a serem seguidas para a contratação da linguagem escrita, e não como uma limitação. Ao fazer reconhecimento dessas potencialidades das crianças e ao oferecer estratégias adequadas, a escola amplia suas possibilidades de sucesso sendo elas as acadêmicas e as sociais.

Em outubro de 2025. Foi instituída, por meio do **Decreto nº 12.686. de 20 de outubro de 2025, a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva PNEEI e a Rede Nacional Educação Especial Inclusiva.** Essa recente política surge como um marco normativo no campo da educação inclusiva no Brasil, fazendo a substituição ao decreto nº 7.611/2011, e buscou consolidar um sistema educacional verdadeiramente inclusivo, pautando os princípios de igualdade de oportunidades, da equidade e do combate ao capacitismo.

O documento presente tem como intuito a garantia do direito a educação de estudantes com deficiência, com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e com Altas Habilidades/Superdotação, reafirmando o compromisso do estado com a Convenção

Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006) incorporando ao ordenamento jurídico nacional pelo Decreto nº 6.949/2009.

A nova política faz a definição da educação especial com uma modalidade transversal a todos os níveis e etapas de ensino, devendo oferecer serviços e recursos complementares a escolarização, de modo a assegurar a participação, permanência e aprendizagem de todos os estudantes da educação especial, incluindo, claramente, as pessoas autistas.

Um dos avanços deste decreto é a criação da Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva, prevista no Capítulo III. Essa rede representa um mecanismo inédito de monitoramento, formação e articulação federativa, que envolve União, Estados, Distrito Federal e Municípios. Entre seus objetivos está o fortalecimento da formação docente continuada, a confecção de matérias acessíveis, e a criação de indicadores nacionais de acompanhamento da inclusão (Art.17).

O aspecto de mais relevância do decreto nº 12.686/2025 realça-se com o reconhecimento formal do estudante com Transtorno do Espectro Autista como pessoa com deficiência, conforme mencionado no Art. 1, s2. Essa determinação possui muita relevância, pois fortalece, no âmbito da política educacional, um direito já garantido em legislações anteriores, como a Lei nº 12.764/2012 (lei Berenice Piana) e a Lei Brasileira de Inclusão- Lei nº 13.146/2015, mas que ainda não se mostrava nitidamente nas políticas nacionais de educação especial.

Outro aspecto significativo, é a obrigatoriedade do estudo de caso (Art.11) como procedimento de identificação e acompanhamento dos estudantes da educação especial, estruturado com a construção do Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE) (Art.12). O PAEE caracterizar-se como um instrumento pedagógico individualizado, derivado do estudo de caso, que orienta o trabalho docente e os métodos de acessibilidade, aproximando-se conceitualmente do Plano Educacional Individualizado PEI já debatido nas práticas inclusivas.

No ponto de vista pedagógico, a PNEEI de 2025 fortalece o papel da escola regular como ambiente central da inclusão, determinando que o AEE deve ser ofertado no interior da escola, e integralizado ao Projeto Político-Pedagógico (PPP). Essa orientação requer que os professores e gestores atuem de forma colaborativa, construindo estratégias pedagógicas que possam ser flexíveis, fundamentadas em estudos de caso coletivo e no planejamento individualizado da aprendizagem.

Por fim, é importante ressaltar que a alfabetização de crianças do Espectro Autista, não se trata apenas de uma responsabilidade técnica, mas também de um direito ético e legal nas políticas públicas. Consiste em assegurar o direito à educação a todos em sua plenitude, para essas crianças, sendo assim, respeitando as diversidades humanas, reconhecidas em todas suas formas. O processo de ensino e aprendizagem, nesse contexto, precisa ser compreendido como uma construção conjunta, organizada na escuta ativa, na empatia e na busca contínua por estratégias e métodos de ensino que promovam, de fato, a inclusão dessas crianças na escola.

## 5. METODOLOGIA

O processo de pesquisa desenvolvida neste trabalho seguiu uma abordagem qualitativa que compreender as experiências e os contextos que podem ser relacionados ao processo de alfabetização de crianças autistas. Essa abordagem ajudou a analisar não apenas os aspectos objetivos da prática pedagógica, mas elementos subjetivos, como interações, vínculos afetivos e estratégias utilizadas pelos professores, assim como qualificar o processo de revisão de literatura.

Este estudo fundamentou-se com duas frentes metodológicas complementares. A primeira consistiu em um exercício de revisão de literatura exploratório realizado a partir da consulta a duas plataformas de relevância acadêmica com produções científicas: Scientific Electronic Library Online (Scielo) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) periódicos. Sendo assim, nessas bases foram selecionados artigos publicados em uma janela de tempo de 10 anos, entre 2015 e 2025, utilizando os seguintes descritores: “alfabetização and autismo”, “Processo de alfabetização and TEA”, “Letramento and TEA”, “Alfabetização and crianças autistas”.

A segunda frente metodológica utilizada corresponde a uma observação de campo e registro em um diário de campo construído pela autora, partindo de vivências encontradas nas práticas do cotidiano escolar da pesquisadora. Essa etapa contribuiu para observação do cotidiano escolar de uma criança autista no processo de alfabetização, registrando no diário de campo o seu comportamento, a interação social, e as estratégias pedagógicas utilizadas pela regente e estagiária em seu processo de alfabetização.

O diário de campo foi uma ferramenta essencial durante todo esse processo, pois por meio dele pude perceber os seus avanços do aluno, fazendo também uma aproximação entre

teoria e prática. De acordo com Minayo (2001), o trabalho de campo constitui-se como um momento de descoberta e criação, em que o pesquisador constrói conhecimento a partir da realidade observada, articulando sensibilidade e rigor científico. Nesse sentido, o uso do diário de campo possibilitou não apenas o registro de dados empíricos, mas também uma reflexão contínua sobre ações educativas, permitindo compreender o processo de aprendizagem do aluno de forma mais humana, contextualizada e significativa.

Sendo assim, podemos afirmar que a combinação entre o levantamento bibliográfico e as observações empíricas pode mostrar uma visão mais ampliada sobre as singularidades que foram encontradas na alfabetização de crianças autistas, respeitando toda a complexidade em volta desse processo e valorizando as experiências vivenciadas que emergem no espaço escolar sem cair na cilada de enumerar singularidades específicas, para que não incorramos no equívoco de generalizar o que foi encontrado.

### *5.1. O PROCESSO DE REVISAO DE LITERATURA*

O processo de revisão de literatura foi conduzido de uma forma exploratória, a fim de identificar e selecionar estudos científicos que poderiam contribuir para a compreensão das singularidades no processo de alfabetização de crianças autistas. A busca foi realizada nas plataformas Scielo e CAPES Periódicos, abrangendo o período de 2015 a 2025 como janela de temporal.

A seleção dos textos ocorreu em etapas. Primeiramente, foi feita a leitura dos títulos e dos resumos dos trabalhos encontrados, em seguida vimos a pertinência com os objetivos da pesquisa. No total, foram encontrados 113 artigos identificados sem a aplicação de filtro temporal. Após o uso de filtro de tempo, idioma, e relevância com a temática, o número foi reduzido para 35 artigos, sendo um deles excluído por repetição. Desse conjunto, 8 artigos foram selecionados por apresentarem maior afinidade com a temática. Esses estudos foram fundamentais para a construção do embasamento teórico desse trabalho, permitindo uma compreensão sobre alfabetização, letramento e inclusão escolar de crianças autistas.

Na busca do descritor “Alfabetização and TEA”, foi encontrado 47 artigos no total. Após a aplicação de filtros referente a janela de tempo da pesquisa, restaram 17 artigos. Desses, 3 foram selecionados por apresentarem relevância direta com o tema

Com o descritor “processo de alfabetização and TEA”, foram identificados 35 artigos inicialmente. Após a filtragem temporal e metodológica, 10 textos permaneceram, dos quais 3 foram selecionados para análise detalhada. Os trabalhos escolhidos destacaram o papel das ações interdisciplinares mediadas pela tecnologia, o uso de aplicativos baseados no método TEACCH e estudos de caso sobre alfabetização de gêmeos não verbais com autismo. As pesquisas evidenciaram a importância da personalização das práticas pedagógicas e da adaptação dos materiais de ensino às necessidades de cada criança, apontando o potencial da mediação tecnológica como aliada na alfabetização inclusiva.

A pesquisa com o descritor “letramento and TEA” resultou em 16 artigos. Após a aplicação dos filtros, 5 foram mantidos e, posteriormente, 1 selecionado por apresentarem maior pertinência ao tema. Esses estudos enfatizaram o letramento como prática social e a necessidade de integrar o ensino da leitura e da escrita à realidade cotidiana das crianças com TEA. Também discutiram o papel da linguagem como mediadora das interações sociais e a importância de estratégias que valorizem as formas alternativas de comunicação utilizadas por esses alunos.

Com o descritor “alfabetização and crianças autistas”, foram encontrados 12 artigos no total, dos quais 3 atenderam aos critérios de filtragem entre os anos de 2020 e 2022. Após análise, 1 artigo foi selecionado por apresentar maior alinhamento com a proposta deste trabalho. O estudo tratava das práticas pedagógicas inclusivas e dos desafios enfrentados por professores na alfabetização de alunos com autismo em escolas regulares. Essa produção reforçou a importância de compreender a alfabetização como um direito e como um processo que exige planejamento pedagógico sensível, empatia e formação docente continuada.

A análise das publicações permitiu identificar uma lacuna na produção científica relacionada à alfabetização de crianças autistas sob a perspectiva da afetividade e da mediação docente. A maioria dos estudos enfatiza os aspectos metodológicos e tecnológicos, mas poucos exploram o papel das relações interpessoais e do vínculo emocional no processo de aprendizagem. Dessa forma, a presente pesquisa busca contribuir para esse campo, ampliando o olhar sobre a alfabetização enquanto prática pedagógica, afetiva e inclusiva.

TABELA 1 Capes Periódicos

<b>Descritores CAPES Periódicos</b>	<b>Qntd. sem filtro</b>	<b>Qntd. com filtro</b>	<b>Pré-selecionado</b>	<b>Selecionado</b>
<b>Alfabetização and TEA</b>	47	17	07	03
<b>Processo de alfabetização and TEA</b>	35	10	03	03
<b>Letramento and TEA</b>	16	05	03	01
<b>Alfabetização and crianças autistas</b>	12	03	01	01
Total:	110	35	14	08

Fonte: adaptado de RODRIGUES et al (2024)

TABELA 2 Scielo

<b>Descritores Scielo</b>	<b>Qntd. sem filtro</b>	<b>Qntd.com filtro</b>	<b>Pré-selecionado</b>	<b>Selecionado</b>
<b>Alfabetização and TEA</b>	0	0	0	0
<b>Processo de alfabetização and TEA</b>	02	02	0	0
<b>Letramento and TEA</b>	0	0	0	0
<b>Alfabetização and crianças autistas</b>	01	01	0	0
Total:	03	03	0	0

Fonte: adaptado de RODRIGUES et al (2024)

Os artigos selecionados mostraram-se relevantes à construção teórica deste trabalho, visto que oferecem uma visão ampla e atualizada sobre o processo de alfabetização de crianças autistas. Juntamente com os estudos, foi evidenciado que não há um método só de alfabetização, capaz de atender todas as singularidades das crianças autistas, mas sim a exigência de ter prática mais flexível, sensorial, personalizada e mediada pela afetividade.

As pesquisas debatem as práticas pedagógicas inclusivas e o papel fundamental de como ser um professor mediador nesse processo. Expressam também que os multiletramentos, a mediação interdisciplinar e o uso de recursos concretos e visuais potencializam a participação e a construção de sentido pelos alunos, fortalecendo que a alfabetização deve partir de seus interesses, modos de ser e formas próprias de interpretar o mundo, desta forma, esses textos conversam diretamente com as observações feitas no diário de campo, no acompanhamento do

aluno João, e fundamenta teoricamente a defesa de uma alfabetização humanizada, acessível e alinhada às singularidades de cada criança autista.

Quadro 1 – Matriz analítica dos textos selecionados

Artigo	Autor e Ano	Palavras-chaves	Resumo
Práticas pedagógicas utilizadas na alfabetização e no letramento de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) nos primeiros anos do ensino fundamental	Maria Eduarda Joaquina Zelia Medeiros Silveira (2023)	Transtorno do espectro autista-TEA; Inclusão; Alfabetização; Práticas pedagógica.	O trabalho analisou as práticas pedagógicas utilizadas na alfabetização e no letramento de crianças com TEA.
Autista na escola: um labirinto de práticas interligadas na/a alfabetização	Ivane Laurete Perotti (2017)	Comportamento; Autismo; Multidisciplinaridade; Alfabetização; Intervenção.	Investiga o processo de alfabetização em Língua Portuguesa de alunos com TEA em escolas públicas e privadas da região metropolitana de Belo Horizonte,
A influência motriz do estudante com transtorno do espectro autista em seu processo de alfabetização	Maira Cristiane Benites, Karolinne dos Santos Silva, Cidnei Amaral de Mello (2020)	Transtorno do espectro autista; Desenvolvimento motor; Psicomotricidade; Alfabetização.	O trabalho investiga como a Psicomotricidade pode auxiliar estudantes com TEA no desenvolvimento motor, fundamental para a aquisição da língua escrita.
Inclusão escolar e a alfabetização e letramento dos alunos com transtorno do espectro autista	Eva Vanessa batista Viveira, Vera Lúcia gomes (2024)	Transtorno do Espectro Autista. Inclusão Escolar.	O trabalho analisa o processo de alfabetização e letramento de crianças com TEA, identificando métodos e estratégias pedagógicas utilizadas na alfabetização e letramento.
Importância da formação do professor (a) no processo de mediação e adaptação curricular na alfabetização e letramento de crianças com transtorno do espectro autista	Elaine Cristina da Silva Brito Farias, Wagner Teixeira Glória, Rita de Fátima da Silva (2024)	Adaptação Curricular, Alfabetização e Letramento, Capacitação Docente, Mediação Docente, Transtorno do Espectro Autista.	O estudo analisa o papel da mediação docente e das adaptações curriculares na alfabetização de crianças com TEA

Ações interdisciplinares mediadas pela tecnologia para crianças com TEA	Tatiana de Souza Mello, Débora Nice Ferrari Barbosa	Aprendizagem criativa; interdisciplinaridade; TEA	O artigo realiza um estudo bibliográfico sobre o TEA, a Interdisciplinaridade, a Literacia Digital e a
	(2023)		Aprendizagem Criativa, relacionando-os ao processo de alfabetização de crianças com autismo.
Uma proposta com multiletramento no atendimento educacional especializado na alfabetização do aluno autista	Evangelina Maria Brito de Faria  Soraya Gonçalves Celestino da Silva	Aquisição de escrita; Autismo; Multiletramento.	O estudo analisa a aquisição da linguagem escrita de uma criança autista em ambientes tecnológicos, com base na pedagogia dos multiletramentos.
	(2021)		
Literacy for children: a look at the children's learning process with autistic spectrum disorder (ASD)	Kelly Whalon  Juliet E. Hart Barnett	Transtorno do espectro autista, autismo, síndrome de Asperger, leitura, ensino da leitura.	O estudo investigou como crianças com TEA vivenciam o ensino da leitura em salas regulares, destacando seus pontos fortes e desafios durante a alfabetização. Os resultados evidenciam a dificuldade de aquisição da leitura devido à exposição limitada ao ensino sistemático, sugerindo estratégias pedagógicas adaptadas.
	(2010)		

Além dos artigos localizados nas plataformas Scielo e CAPES, a minha busca exploratória permitiu-me identificar um conjunto ampliado de textos que contribuiu expressivamente para o aperfeiçoamento das análises realizadas nestes trabalhos. As obras clássicas e contemporâneas, como os estudos de Soares (2003,2018), Batista e Soares (2005) e Vygotsky (2007) contribuem com a fundamentação teórica sobre alfabetização, letramento e desenvolvimento cognitivo e histórico-cultural, possibilitando compreender a aprendizagem como um processo histórico, cultural e interativo. Textos como o DSM-5 (2014), e o DSM5(2014), assim como as obras de Attwood (2008), Gaito (2018) e Schmidt (2013) expandiram a compreensão sobre o autismo, oferecendo citações fundamentais para discutir funcionamento cognitivo, comportamento, comunicação e impacto dos diagnósticos na vida familiar e escolar. Esses materiais, acrescentados aos documentos legais como a Lei Brasileiro

de Inclusão (2015) e o decreto nº 12.686/2025 possibilitaram uma abordagem ética, atual e alinhada às políticas de educação inclusiva no Brasil.

As criações encontradas, como os trabalhos de Almeida, Oliveira e Salles (2002), Alves e Amorim (2022), FCEE (2024), Heleno et al (2020), Faria e Silva (2021), Silva e Lima (2022) e Sousa e Rocha (2023), foram indispensáveis para entender estratégias concretas de alfabetização de crianças autistas, práticas pedagógicas inclusivas, o papel da adaptação curricular e a importância da mediação docente. Estes textos conversam diretamente com as considerações realizadas em campo, principalmente no acompanhamento do João, e fortalecem que alfabetização de alunos com TEA requer intervenções planejadas, sensíveis e sustentadas teoricamente. Portanto, a combinação entre os estudos achados nas plataformas acadêmicas corrobora com essa linha de pensamento, mostrando que a metodologia mais humana facilita o processo de ensino e aprendizagem de crianças autistas.

A análise permite traçar um panorama consistente sobre as produções acadêmicas que abordam a alfabetização de criança autista encontradas nessa revisão de literatura. Encontramos avanços relevantes acerca das metodologias diferenciadas, recursos tecnológicos e práticas inclusivas, mas também identificamos falhas quanto à valorização do tamanho da afetividade no processo docente. Assim, a revisão de literatura nas plataformas, não apenas dão fundamento teórico a esta pesquisa, mas também reforçam a importância de poder compreender a alfabetização como um processo que vá além do domínio técnico, reconhecendo-a como um processo humano, que exige do professor sensibilidade para poder desenvolver integralmente a inclusão na escola.

Todos os textos, somados a busca exploratória e os textos encontrados na revisão nas plataformas Scielo e Capes foram fundamentais para a escrita da parte do referencial teórico que apresentamos na interlocução com a primeira parte desse trabalho.

## *5.2. A CONSTRUÇÃO DO DIÁRIO DE CAMPO E RECORTES DE UMA PRÁTICA*

No contexto da pesquisa qualitativa em educação, o diário de campo constitui-se como uma ferramenta essencial para a observação exploratória, a reflexão e a análise das vivências que ocorreram no ambiente escolar. Através dele, o pesquisador registra e interpreta as situações observadas, compreendendo-as como parte de um processo dinâmico de interação entre teoria e prática. A construção e utilização desse instrumento, no âmbito da experiência

como monitora de um aluno autista, revelaram-se fundamentais, não apenas para o acompanhamento pedagógico, mas também para o desenvolvimento de um olhar sensível, analítico e humano sobre o processo educativo.

De acordo com Maria Cecília de Souza Minayo (2001), a pesquisa qualitativa buscar compreender os significados, motivações, valores e atitudes que compõem a realidade social, aspectos que não podem ser reduzidos a números ou qualificações. Nesse sentido, o diário de campo é compreendido como um espaço de diálogo entre o pesquisador e a realidade estudada, um instrumento de escuta e interpretação que ultrapassa a simples descrição dos fatos. A autora destaca que, nas ciências sociais, o pesquisador não é um observador neutro, mas um sujeito implicando que compartilha do mesmo universo humano que investiga. Assim, a escrita do diário e, ao mesmo tempo, um exercício de registro e de autoconhecimento, no qual o pesquisador reflete sobre o que observa e sobre a própria forma de observar.

Durante o período de monitoria com o aluno, entre janeiro de 2023 a dezembro de 2023, o diário de campo foi utilizado diariamente como ferramenta de acompanhamento e reflexão. As anotações realizadas contemplavam diferentes dimensões do cotidiano escolar, como o comportamento do aluno, suas interações sociais, seus avanços, momentos de desregulação e as adequações necessárias nas atividades pedagógicas propostas. Cada observação era registrada de maneira atenta e descritiva, mas também interpretativa, buscando compreender o contexto em que os acontecimentos se davam e o significado que poderiam ter para o desenvolvimento do aluno.

Ao relatar situações de desregulação, por exemplo, o diário não se limitava a descrições de comportamento, mas buscava compreender os fatores que poderiam ter contribuído para aquele momento, o ambiente, os estímulos sonoros, visuais, o nível de exigência nas atividades e até o estado emocional do aluno. Da mesma forma, cada progresso, por menor que fosse, era valorizado e registrado. Esses registros permitiram acompanhar de maneira concreta a evolução do aluno, revelando avanços que, em uma observação não exploratória, poderiam passar despercebidos.

O diário de campo também se mostrou um instrumento de planejamento e readaptação constante. Ao analisar as anotações, foi visível perceber quais atividades geravam maior engajamento, que exigiam um maior esforço de parte do aluno acompanhado, e quais precisariam de uma readaptação. Essa dinâmica está em consonância com o que Minayo (2001) chama de “criatividade do pesquisador”, características essenciais da pesquisa qualitativa, que

exige flexibilidade e sensibilidade para lidar com a complexidade do campo. Assim, o diário de campo se tornou ferramenta viva, que orientava o trabalho diário e permitia um acompanhamento individualizado e respeitoso do aluno, respeitando suas singularidades e ritmos próprios.

Além de sua função descritiva, o diário de campo assumiu um papel profundamente reflexível. Ele possibilitou revistar padrões de comportamento, repensar algumas alternativas utilizadas, e possibilitou repensar estratégias pedagógicas. Como ressalta Minayo (2001), a pesquisa é um processo dialético entre teoria e prática, no qual o campo de investigação e cada registro no diário se configuravam como uma forma de diálogo entre a experiência prática e o conhecimento teórico, ampliando a compreensão sobre o processo de ensinoaprendizagem de uma criança autista e fortalecendo a formação da monitora enquanto pesquisadora e futura pedagoga. Para explicitar melhor, afirmo que quando me refiro à monitora, estou falando da minha prática em uma escola infantil com o João<sup>1</sup> de 04 anos.

A escrita do diário de campo revelou que a realidade observada e, como afirma Minayo (2001) (ano), histórica, dinâmica e provisória. Nenhum dia se repetia exatamente igual ao anterior; cada momento de interação com o aluno trazia novas descobertas, desafios e aprendizados. Essa constatação reforça a ideia de que o diário não é apenas um documento estático, mas parte de um ciclo contínuo de observação, análise de reconstrução do conhecimento. Ao escrever e reler minhas próprias anotações pude perceber que estava fazendo parte do processo educativo, percebendo que observar é também se transformar.

Desta forma, o diário de campo consolidou-se como ferramenta fundamental de acompanhamento, de análise e de reflexão, capaz de unir o olhar científico e afetivo do pesquisador. Ele contribuiu não apenas para compreender o desenvolvimento do aluno, mas também para construir uma prática pedagógica mais sensível, inclusiva e consciente. Inspirado nas ideias de Minayo (2001), esse instrumento mostrou que a pesquisa qualitativa não se limita a coleta de dados, mas se constitui como um exercício de compreensão da vida em toda a sua complexidade e significado.

Portanto, a experiência de construção e uso do diário de campo demonstrou que registrar também é cuidar. Cada anotação representou um gesto de escuta, um ato de atenção e um compromisso ético com a singularidade do aluno observado. O diário transformou-se, assim,

---

<sup>1</sup> O nome do aluno foi modificado para preservar a sua identificação, representado por João.

em um espaço de encontro entre o conhecimento científico e ao afeto, entre a prática educativa e a sensibilidade humana, reafirmando seu papel fundamental na formação de educadores comprometidos com uma educação verdadeiramente inclusiva e reflexiva.

---

O processo de alfabetização de crianças autistas, mostra-se ser um processo singular pois ela provoca as práticas pedagógicas tradicionais a repensarem-se de forma mais compreensivas e sensíveis, considerando as diversas formas de aprender. A minha experiência vivida no estágio não obrigatórios com o aluno João, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista, tendo nível de suporte 2, revelou-me que a alfabetização de crianças autistas não pode se limitar a um único método, mas construir de forma mais lúdica, dinâmica e intensamente contextualizada a partir de uma pluralidade que faça sentido às crianças.

João, de 4 anos entrou na escola e teve seu primeiro contato formal com uma instituição de ensino, pois os pais tinham muito receio de como seria a adaptação de seu filho em uma escola. Tinham dúvidas acerca do convívio com outras crianças, a rotina a ser encontrada no colégio e como isso impactaria ele. A sua chegada trouxe desafios para a equipe pedagógica da instituição, por se tratar de uma criança não verbal, com dificuldades na socialização e tendo quase nada de autonomia para ir ao banheiro, assim como muita dependência de gestos como apontar para poder expressar suas necessidades.

*No dia 10 de fevereiro, o João estava muito inquieto, jogando brinquedos no chão, tomando das mãos dos colegas, logo em seguida foi para debaixo da mesa e fez coco na roupa. (Diário de campo, 2023)*

Nos primeiros dias foi um desafio. João estava no processo de adaptação aos espaços da escola, na rotina vivenciada, às regras que compõem o ambiente, tudo era novo para ele e, com isso, apresentou momentos de desregulação, como choro, fugas da sala correndo, jogar os brinquedos no chão, após esses incidentes e observações feita pela professora e mediadora, procuramos observar seus interesses, coisas que prendiam sua atenção e ficou evidente seus interesses especialmente por dinossauros, peças de lego, massinha, e atividades manuais como cortar, pintar, amassar, pegar, isso se tornaria um acesso forte de acesso a aprendizagem que nós teríamos com ele.

*No dia 7 março, o aluno Joaozinho ganhou uma folha em branco e lápis de cor. Desenhou vários dinossauros, apontava para os cestos de brinquedos da sala, para que pegássemos o dinossauro de brinquedo. (Diário de campo da mediadora 2023.)*

Ao longo das observações feitas no diário de campo, foi notório acompanhar sua adaptação gradativa ao ambiente escolar. Embora inicialmente, revelasse estranhamento com as novas rotinas e com as pessoas com quem agora ele convivia. Seus interesses começaram a surgir a partir das disciplinas de Arte, Musicalização, inglês e Educação Física. As disciplinas, marcadas por movimento, música, cores, ludicidade, atividades sensoriais que aguçavam seus sentidos, tornavam condições essenciais para que se sentisse motivado e seguro, organizando assim, um lugar perfeito para que houvesse interações. Seus interesses começaram a ser integrados ao planejamento da professora, e com esse movimento o processo de alfabetização de João, deixou de se tornar um processo abstrato e tornou-se um processo afetivo, comunicativo e significativo para ele.

*No dia 15 de abril, durante a realização da aula de artes, Joãozinho puxou o colega para sentar-se ao lado dele e ver seu desenho e pintar juntos, mas quando colega chegava para pintar, ele levantava o dedo e balançava, para dizer que não. (Diário de campo, 2023.)*

O percurso de João confirma o que Vieira e Gomes (2024) mostram, que não há um método único para alfabetizar crianças com TEA, mas há caminhos que se constroem no encontro entre professor e aluno. Para eles, o uso de materiais concretos, planejamento personalizado, ilustrações, frases curtas permite que crianças autistas deem sentido as práticas de leitura e escrita. O caso de Joao, por exemplo, fazer atividades usando o seu hiperfoco em dinossauro foi capaz de prender sua atenção e possibilitou avanços na identificação das letras iniciais, dos sons e na constituição de pequenas associações simbólicas. Essas considerações também dialogam com Faria e Silva (2021), que defendem o potencial dos multiletramentos para alunos autistas ao conciliar som, texto, cor, imagens e movimento, o ensino aproxima-se da maneira sensorial e não linear com que muitas crianças com TEA percebem o mundo

*“No dia 20 de março a professora e eu criamos cartões com imagens do banheiro, do bebedouro, das cestas de brinquedos e colamos nas paredes, para que João apontasse para os cartões e mostrasse o que ele queria, quando ele apontava falávamos as palavras e pedíamos para ele repetir sílaba por sílaba, para o levarmos onde queria.” (Diário de campo, 2023.)*

*No dia 8 de junho, a professora de inglês colocou uma hello song, para começar o dia. João ficou eufórico, levantou-se e foi para frente do quadro dançar junto com os colegas, quando a música acabou chorou, pois queria mais, a professora fez um combinado se ele realizasse a atividade colocaria no final da aula. (Diário de campo, 2023.)*

Na análise de Perotti (2017), descobre-se outro ponto importante para interpretar as experiências de João, a necessidade do professor em perceber o funcionamento cognitivo e comportamental das crianças autistas, observar como elas reagem durante suas interações na escola. Ao longo das nossas vivências, ficou evidente que o vínculo de afetividade estabelecido entre nós foi baseado no carinho, na paciência, no respeito das rotinas previsíveis e isso foi decisivo para sua aprendizagem e desenvolvimento. Com o decorrer do tempo, ele passou a aceitar a minha ajuda para ir ao banheiro e começou a emitir pequenas frases isoladas, respondendo com entusiasmo as atividades e desenvolvendo maior flexibilização nas interações com os colegas.

*No dia 18 de junho, Joaozinho vem em minha direção e fala “Tia Ana, quero banheiro” e me puxa pelos braços abre a porta e me leva ao banheiro junto com ele, e quando termina fala “Ajuda, Ajuda, Ajuda”, para que eu pudesse limpar ele. (Diário de campo, 2023.)*

A partir desse movimento que reúne recortes do diário de campo e reflexões dos estudos teóricos encontrados na revisão de literatura, foi possível reconhecer três dimensões que caracterizam singularidades no processo de alfabetização de crianças autistas: a dimensão de interesse e sentido que comprova a necessidades de compreender e incorporar o hiperfoco e as preferências das crianças autistas ao planejamento pedagógico, transformando e aprendizagem significativa; a dimensão da mediação docente e da flexibilização curricular, alicerçadas na escuta ativa do professor o que pode possibilitar a inclusão e a terceira dimensão da multimodalidades e da interação, que identifica a alfabetização com uma prática sensorial e comunicativa que se coloca como fundamental para as crianças autista.

Essas dimensões tendem para um mesmo ponto/objetivo, na perspectiva historicocultural defendida por Vygotsky, na qual o desenvolvimento ocorre nas interações e nos vínculos estabelecidos entre o sujeito e o meio, João não avançou porque decorou as letras, mas porque se sentiu pertencente e respeitado em suas formas de ser e dar significado ao processo. Portanto, entender as singularidades das crianças autistas em seu processo de

alfabetização, envolve reconhecer que aprender é um acontecimento afetivo e social, e não apenas técnico. O professor como mediador sensível, transforma-se em ponte entre o mundo simbólico da linguagem e da singularidade da criança.

*No dia 24 de agosto, João durante a explicação do que seria feito na aula de Educação Física, apoia o braço e a cabeça em minhas pernas, pede para fazer carinho e acaba adormecendo em cima de mim. Quando acordou, ficou alisando meus cabelos e me abraçando. (Diário de campo, 2023.)*

Logo, podemos considerar que a experiência com João enfatiza que alfabetização de crianças autistas deve ser entendida como uma descoberta conjunta. O conhecimento nasce do encontro entre a escuta e a construção compartilhada de sentido. O desafio maior das escolas inclusivas é mudar essas descobertas em práticas do cotidiano, para que a inclusão não saia apenas no discurso, mas se forme com uma experiência real, significativa, sensível e essencialmente humana.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho e poder revisitar essa trajetória marcada por uma escuta sensível, reconheço a importância de todo o processo vivido, tanto para o desenvolvimento pedagógico do João, quanto para a minha própria formação profissional. Estudar as singularidades no processo de alfabetização de crianças autistas, mostrou que ensinar vai muito além de apresentar os conteúdos ou conduzir a leitura e escrita: envolve reconhecer a essência do outro. Compreender as suas singularidades no modo de aprender, a se comunicar, e relacionar-se com o mundo. Esse olhar ampliado dá um novo significado a alfabetização e reafirma seu caráter humano.

Ao longo do estudo, foi possível alcançar os objetivos propostos especialmente o poder compreender o conceito contemporâneo de autismo e sua relação com a educação, reconhecer que o autismo deixou de ser entendido apenas a partir do viés médico-clínico e passou a ser abordado por uma perspectiva mais ampla, que integra dimensões sociais, comunicativas e educacionais.

Além disso, a investigação dos processos históricos que levaram ao conceito atual de autismo, permitiu identificar como as mudanças nas classificações diagnósticas, nas políticas públicas e nas práticas pedagógicas contribuíram para uma visão mais inclusiva e humanizada.

Esses avanços reforçaram a importância de uma escola que reconhece as singularidades dos estudantes autistas e que se compromete com práticas pedagógicas acessíveis e respeitadas e alinhadas ao entendimento atual sobre o autismo. A alfabetização, quando passada com afeto, pode ser uma experiência que se transforma em uma ponte entre o conhecimento e o aluno.

Poder compreender as especificidades das crianças autistas é, além de tudo, um exercício de reconhecimento e cidadania. O gesto de olhar cada avanço é uma conquista que mostra o poder de um vínculo afetivo entre professor e aluno. A aparição de práticas pedagógicas com flexibilização, processos pautados pelas escutas ativas e pelo respeito por cada estudante, tornam a escola um espaço de pertencimento, e, ainda mais, de valorização da diversidade. Sendo assim, ensinar torna-se um ato de amor, respeito, empatia.

Durante a realização da pesquisa e as observações de campo, foi notório que a afetividade é uma ferramenta pedagógica fundamental e se torna para essa autora um conceito importante a ser investigado em outro trabalho, além desse. Pois é por meio dela que o professor se torna um mediador sensível, podendo ser capaz de enxergar mais adiante as limitações educacionais que possam existir e poder promover o desenvolvimento íntegro do aluno. O trabalho docente, logo assume um papel social e ético grandioso, lutar por uma educação que possa acolher as diferenças e garantir a todos o direito de aprender e de se expressar.

Dessa forma, esse estudo reintegra que a alfabetização de crianças autistas não deve ser vista apenas como um desafio pedagógico, mas como um compromisso que deve ser firmado com toda comunidade escolar implicada no reconhecimento das singularidades trazidas pelas crianças com sua comunicação, interação e forma diferente de se movimentar pela escola. A inclusão verdadeira acontece quando há o encontro entre família e escola. quando elas caminham de mãos dadas, construindo estratégias que respeitem as singularidades encontradas e promova a autonomia.

As singularidades encontradas no processo de alfabetização de crianças autistas, se mostram de formas distintas de interação, comunicação e o envolvimento com as atividades pedagógicas. Percebeu-se que as crianças autistas têm ritmos próprios de aprendizagem, e demonstram maior interesse em propostas visuais, lúdicas e estruturadas, simultaneamente evidencia dificuldades em situações em mudanças inesperadas na rotina, na compreensão de atividades sem adaptações necessárias. Também surgiu especificidade relacionadas a atenção conjunta, ao uso funcional da linguagem, a necessidades de mediações, e a importância de estímulos sensoriais organizados, evitando uma sobrecarga a criança autista. As presentes

singularidades, não representa limitações, mas modos singulares de aprendizagem, necessitando práticas pedagógicas sensíveis, acessíveis e flexíveis, levando em conta as particularidades de cada criança, reafirmando o papel da escola como espaço de acolhimento e desenvolvimento integral do aluno.

Conclui-se, assim, que poder reconhecer as singularidades e comprovar o valor da vida em todas as suas formas é condição para que a aprendizagem ocorra na escola. A educação inclusiva, quando experienciada com a humanidade, tem a direção de transformar não apenas a realidade das crianças, mas também para o olhar de quem as ensina. Que esse trabalho possa ser usado como novas práticas e olhares mais sensíveis, pois ensinar é, além de tudo um ato de amor, que cultiva a esperança de um mundo igualitário, justo e sensível.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. F.; OLIVEIRA, M. R.; SALES, N. F. *O processo de alfabetização da criança com o Transtorno do Espectro Autista na escola regular*. Fortaleza: UniAteneu, 2022.

ALVES, E. L.; AMORIM, S. A. *Inclusão escolar e alfabetização de crianças com TEA: desafios da prática docente*. Revista Acervo, v. 35, n. 3, 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ATTWOOD, T. *O guia completo da Síndrome de Asperger: diagnóstico e tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BATISTA, A. A. G.; SOARES, M. *Alfabetização e letramento: perspectivas para a formação docente*. Belo Horizonte: Ceale/UFMG, 2005.

BENITES, M. C.; SILVA, K. S.; MELLO, C. A. *A influência motriz do estudante com Transtorno do Espectro Autista em seu processo de alfabetização*. Revista de Educação Especial, v. 33, n. 2, 2020. Disponível em:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?q=A+influencia+motriz+do+estudante+com+transtorno+do+espectro+autista+em+seu+processo+de+alfabetiza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 11 nov. 2025.

BRASIL. Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025. Institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva (PNEEI). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2025.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2015.

BRITES, L.; BRITES, C. *Mentes únicas: aprenda como estimular o potencial de uma pessoa com autismo*. São Paulo: Gente, 2019.

DIVERSA. *Escrita e alfabetização de crianças com autismo*. São Paulo: Diversa, 2023.

Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/escrita-alfabetizacao-criancas-com-autismo/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

FARIA, E. M. B.; SILVA, S. G. C. *Uma proposta com multiletramento no atendimento educacional especializado na alfabetização do aluno autista*. Revista Educação Inclusiva, v. 4, n. 1, 2021. Disponível em:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?q=Uma+proposta+com+multiletramento+no+atendimento+educacional+especializado+na+alfabetiza%C3%A7%C3%A3o+do+aluno+autista>. Acesso em: 11 nov. 2025.

FARIAS, E. C. S. B.; GLÓRIA, W. T.; SILVA, R. F. *Importância da formação do(a) professor(a) no processo de mediação e adaptação curricular na alfabetização e letramento de crianças com transtorno do espectro autista*. [Periódico não identificado], 2024.

FCEE — FUNDAÇÃO CATARINENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. *Transtorno do Espectro Autista: orientações e práticas pedagógicas*. Florianópolis: FCEE, 2024.

FERNANDES, F. C.; PEREIRA, C. M. *Inclusão escolar de crianças autistas: desafios e possibilidades*. Revista Acervo, v. 35, n. 3, 2022.

GAIATO, M. *S.O.S Autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista*. São Paulo: Versos, 2018.

HELENO, M. G. et al. *Transtorno do Espectro Autista: diagnóstico e intervenção precoce*. São Paulo: Memnon, 2020.

MELLO, T. S.; BARBOSA, D. N. F. *Ações interdisciplinares mediadas pela tecnologia para crianças com TEA*. [Periódico não identificado], 2023.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

OLIVEIRA, C. R.; SOUSA, G. M.; NASCIMENTO, T. M. *Formação docente e educação inclusiva: reflexões a partir da prática*. Revista de Educação Especial, v. 36, n. 2, 2023.

ONU — ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Nova Iorque: ONU, 2006.

PEROTTI, I. L. *Autista na escola: um labirinto de práticas interligadas na alfabetização*. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

SANTOS, A. C.; SILVA, M. J. *Formação docente e inclusão de alunos com TEA: reflexões sobre desafios e possibilidades*. Revista Educação e Interfaces, v. 17, n. 2, 2021.

SCHMIDT, C. *Autismo e família: um estudo sobre o impacto do diagnóstico e o processo de aceitação*. Curitiba: UFPR, 2013.

SILVA, M. L.; SANTOS, R. R. *Alfabetização e letramento: caminhos possíveis para a inclusão*. Revista Interdisciplinar em Educação, v. 5, n. 1, 2020.

SILVA, P. R.; LIMA, E. C. *Alfabetização e inclusão de crianças autistas: entre práticas e desafios*. Revista Diálogo Educacional, v. 22, n. 74, 2022.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento: uma nova perspectiva*. Revista Brasileira de Educação, n. 48, 2018.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUSA, R. G.; ROCHA, C. R. *Linguagens e inclusão: estratégias pedagógicas na alfabetização de crianças com TEA*. Revista Educação Especial, v. 36, 2023.

VIEIRA, E. V. B.; GOMES, V. L. *Inclusão escolar e a alfabetização e letramento dos alunos com Transtorno do Espectro Autista*. Revista Educação e Diversidade, v. 4, n. 2, 2024.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WHALON, K.; BARNETT, J. E. H. *Literacy for children: a look at the children's learning process with autistic spectrum disorder (ASD)*. [Periódico não identificado], 2010.

## APÊNDICES

**As tabelas a seguir mostram os textos selecionados para compor o presente trabalho por meio da revisão de literatura. Alfabetização and autismo:**

<b>Plataforma</b>	<b>Capes periódicos</b>
<b>Autor</b>	Maria Eduarda Joaquina, Zélia Medeiros Silveira
<b>Palavras-chave</b>	Transtorno do Espectro Autista – TEA; Inclusão; Alfabetização; Práticas pedagógicas.
<b>Título</b>	Práticas Pedagógicas utilizadas na alfabetização e no letramento de crianças com transtorno do Espectro Autista (TEA) nos primeiros anos do Ensino fundamental
<b>Ano</b>	julho/dezembro - 2023.
<b>Resumo</b>	<p>esse trabalho discorreu sobre as práticas pedagógicas utilizadas na alfabetização e no letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA e teve como objetivo principal analisar como são desenvolvidas as práticas pedagógicas utilizadas na alfabetização e no letramento desses alunos. Assim, a partir da pesquisa bibliográfica e de abordagem qualitativa, foram escolhidos três artigos na base de dados da Scielo e do Google Acadêmico, os quais abordavam essa temática. Tendo-os como suporte, realizou-se uma análise sobre os dados coletados na pesquisa de campo dos artigos pesquisados, identificando a concepção de alfabetização e de letramento das professoras pesquisadas, bem como as práticas pedagógicas realizadas para alfabetizar e letrar os alunos com TEA. Os resultados revelaram que os professores fazem uso de diferentes recursos, como: computador, brincadeiras, jogos e atividades lúdicas. Contudo, a pesquisa também revelou que, comumente, as estagiárias são as responsáveis por ensinar esses alunos. Em razão disso, entendeu-se a necessidade do envolvimento de todos os</p>

	profissionais nesse processo, para que os alunos com TEA sejam inclusos plenamente na escola. Face ao exposto, destacou-se a importância da formação continuada de todos os profissionais que atuam na escola.
--	--

<b>Plataforma</b>	Capes periódicos
<b>Autor</b>	Ivane Laurete Perotti
<b>Palavras-chave</b>	Comportamento. Autismo. Multidisciplinaridade. Alfabetização. Intervenções.
<b>Título</b>	Autismo na escola: Um labirinto de práticas interligadas na/a alfabetização
<b>Ano</b>	2017

<b>Resumo</b>	<p>Este trabalho faz parte de um projeto em execução, que sublinha questões voltadas para o processo de alfabetização em Língua Portuguesa Brasileira, do aluno portador do TEA – Transtorno do Espectro do Autista –, em um recorte de escolas públicas e privadas da região metropolitana de Belo Horizonte. Evidencia uma leitura sobre as intervenções pedagógicas a partir do decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008, que determina ao Estado garantir apoio técnico e financeiro para o atendimento especializado em toda a rede pública de ensino. Observa a mediação entre sujeito atípico, ensino sistematizado e instituição escolar. Revisita o papel do professor alfabetizador e indaga sobre as mudanças e os apoios que deveriam acontecer na escola atual para motivar ações inseridas no/do desenvolvimento linguístico do sujeito de perfil autístico. Ainda, o presente trabalho enfatiza a importância de se conhecer as questões comportamentais de uma criança com autismo: como ela reage, como aprende, como funciona a sua memória, o seu modelo de aprendizagem. Entende que, só após uma investigação</p>
	<p>particularizada, a escola poderá oferecer atividades que se aproximem mais das necessidades e circunstâncias no quadro da atipia.</p>

<b>Plataforma</b>	<b>Capes periódicos</b>
<b>Autor</b>	Maira Cristiane Benites, Karolinne dos Santos Silva, Cidnei Amaral de Mello
<b>Palavras-chave</b>	Transtorno do Espectro Autista. Desenvolvimento Motor. Psicomotricidade. Alfabetização.

<b>Título</b>	A influência motriz do estudante com transtorno do espectro autista em seu processo de alfabetização
<b>Ano</b>	2020
<b>Resumo</b>	<p>O desenvolvimento motor do estudante com TEA – Transtorno do Espectro Autista, não é critério de diagnóstico, mas, descrever como a dificuldade neste aspecto interfere em seu processo de alfabetização e, como esse fator causa impactos em sua vida cognitiva e social é relevante. Trata-se de transtornos do neurodesenvolvimento, caracterizados por alterações em dois domínios principais: comunicação social e padrões repetitivos ou restritos de comportamento, assim descrito na última edição do DSM-V. O objetivo geral deste trabalho é investigar de que maneira a Psicomotricidade pode contribuir com os estudantes autistas auxiliando nos aspectos motores, necessários para a aquisição da língua escrita. Buscou-se discorrer sobre o TEA, o que compreende o desenvolvimento motor de um estudante com esse diagnóstico, bem como, o processo de alfabetização e a inter-relação da motricidade com a língua escrita, sendo resultante de uma pesquisa</p>
	de cunho bibliográfico, utilizando como fonte de pesquisa, livros e artigos do tema em questão, que podem ser encontrados em meios eletrônicos e escritos. Conclui-se que, mesmo com poucos estudos sobre o tema, o desenvolvimento motor tardio do estudante com TEA exerce influência no seu processo de alfabetização.

## PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO AND TEA

<b>Plataforma</b>	Capes periódicos
-------------------	------------------

<b>Autor</b>	Eva Vanessa batista viveira, Vera Lúcia gomes
<b>Palavras-chave</b>	Alfabetização e letramento. Transtorno do Espectro Autista. Inclusão Escolar.
<b>Título</b>	Inclusão escolar e a alfabetização e letramento dos alunos com transtorno do espectro autista
<b>Ano</b>	dez. 2024
<b>Resumo</b>	<p>A inclusão escolar deve possibilitar ao público da educação especial um ensino de qualidade e com equidade para todos, ou seja, uma educação inclusiva que deve ser o objetivo a ser alcançado, incluindo nesse processo, a alfabetização e o letramento desse público. Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como acontece o processo de alfabetização e letramento da criança com Transtorno do Espectro Autista e como objetivo específico identificar os métodos e estratégias utilizados. Para investigar a temática proposta foi utilizada como metodologia a pesquisa documental e bibliográfica de artigos científicos, teses e dissertações disponibilizadas em plataformas de pesquisa. Os resultados demonstram que a regulamentação da legislação garante direitos importantes ao público da educação especial. No entanto, as pesquisas apontaram que não existe um método único ou prática</p>

	<p>pedagógica, exclusivo, que permita a alfabetização e o letramento de alunos com TEA, diante da ampla singularidade dentro do transtorno. Entretanto, algumas estratégias podem facilitar esse processo, como:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1 - Utilizar Tecnologias de Informação e Comunicação.</li> <li>2 - Adaptar o planejamento escolar e o projeto político-pedagógico à realidade do aluno autista.</li> <li>3 - Promover um plano de ensino individualizado e personalizado.</li> <li>4 - Usar na prática pedagógica materiais concretos e imagens.</li> <li>5 - Utilizar narrativas objetivas e curtas.</li> <li>6 - Desenvolver atividades para estimular a consciência fonológica observando as preferências dos alunos.</li> </ol> <p>Além disso, é importante o envolvimento de todos para construir uma política de inclusão escolar que realmente garanta o acesso, a participação e a aprendizagem da criança com autismo nas escolas regulares.</p>
--	---

<b>Plataforma</b>	Capes periódicos
<b>Autor</b>	Elaine Cristina da Silva Brito Farias, Wagner Teixeira Glória, Rita de Fátima da Silva
<b>Palavras-chave</b>	Adaptação Curricular, Alfabetização e Letramento, Capacitação Docente, Mediação Docente, Transtorno do Espectro Autista.
<b>Título</b>	A importância da formação do professor (a) no processo de mediação e adaptações curricular na alfabetização e letramento de crianças com transtorno do espectro autista
<b>Ano</b>	dez. 2024

<b>Resumo</b>	<p>A mediação no processo de aprendizagem emerge como uma função primordial por parte dos professores, especialmente quando se trata de alunos com necessidades específicas. Este estudo objetiva analisar o papel da mediação dos professores e a adaptação curricular na alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista. A pesquisa é de caráter exploratório e qualitativo, com uma</p>
	<p>abordagem bibliográfica que revisa a literatura existente sobre o tema. Considerando as dificuldades que crianças com Transtorno do Espectro Autista enfrentam no processo de alfabetização, esta pesquisa justifica-se pela necessidade urgente de formação continuada dos professores, bem como pela criação e implementação de adaptações curriculares apropriadas. O artigo investiga como a formação docente pode ser aprimorada para melhor atender às demandas dessas crianças e como a adaptação curricular pode ser desenvolvida para facilitar a alfabetização e o letramento de alunos com Transtorno do Espectro Autista. Assim, busca-se fornecer subsídios teóricos e práticos que possam orientar educadores e formuladores de políticas na promoção de uma educação inclusiva e eficaz.</p>

<b>Plataforma</b>	Capes periódicos
<b>Autor</b>	Tatiana de Souza Mello, Débora Nice Ferrari Barbosa
<b>Palavras-chave</b>	Aprendizagem criativa; interdisciplinaridade; TEA
<b>Título</b>	Ações interdisciplinares mediadas pela tecnologia para crianças com TEA
<b>Ano</b>	2023

<b>Resumo</b>	<p>Este artigo apresenta um estudo bibliográfico, tendo como objetivo propor um retrospecto sobre o histórico e os principais conceitos relativos ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), à Interdisciplinaridade, à Literacia Digital e à Aprendizagem Criativa, apontando as questões que abarcam o desenvolvimento da alfabetização de crianças com TEA. Sobre a Interdisciplinaridade direcionou-se para as contribuições de práticas e ações, valorizando os saberes de todas as pessoas envolvidas no processo em prol da formação da cidadania e autonomia dos estudantes bem como, para a qualificação do ensino em uma proposta inclusiva. Na temática da</p>
	<p>Literacia Digital, são apresentadas as contribuições de práticas dinâmicas com direcionamento para a ludicidade. Por fim, são abordados os conceitos da Aprendizagem Criativa através de propostas elaboradas a partir da espiral da aprendizagem. Diante da pesquisa realizada, aprofundaram-se os conceitos e constataram-se os benefícios de propor ações interdisciplinares mediadas pela tecnologia, favorecendo e impulsionando os processos de alfabetização das crianças com TEA, pois essas ações agregam na construção de uma escola e sociedade mais inclusiva, assim como na qualidade de vida e autonomia dos estudantes que apresentam desenvolvimento atípico, contribuindo para a reflexão dos entrelaçamentos dos temas envolvidos no estudo.</p>

#### LETRAMENTO AND TEA

<b>Plataforma</b>	<b>Capes periódicos</b>
<b>Autor</b>	Simone Martins Santos, Zenaide Dias Teixeira, Marcelo Duarte Porto,
<b>Palavras-chave</b>	

<b>Título</b>	Literacy for children: a look at the children`s learning process with autistic spectrum disorder (ASD)
<b>Ano</b>	2021
<b>Resumo</b>	Crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem manifestar dificuldades consideráveis na aquisição da linguagem tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita. O presente estudo busca entender a complexidade das manifestações anômalas do TEA. Embora a etiologia seja complexa e haja muitas contradições sobre o que realmente é autismo, a manifestação e o diagnóstico clínico se dão por meio de características como a dificuldade para interagir socialmente, a demora na aquisição da
	linguagem

## ALFABETIZAÇÃO AND CRIANCAS AUTISTAS

<b>Plataforma</b>	<b>Capes periódicos</b>
<b>Autor</b>	Evangelina Maria Brito de Faria Soraya Gonçalves Celestino da Silva
<b>Palavras-chave</b>	Aquisição de escrita; Autismo; Multiletramentos
<b>Título</b>	Uma proposta com multiletramentos no atendimento educacional especializado na alfabetização do aluno autista
<b>Ano</b>	2021

<b>Resumo</b>	<p>Este estudo, recorte de uma pesquisa de doutorado, aborda o uso dos multiletramentos na perspectiva de que o saber é observado sob o ponto de vista multimodal: letras, imagens, sons e a sinalização para novas habilidades, demandadas por uma nova organização textual, mais híbrida e interligada. Neste sentido, objetiva-se analisar o processo de aquisição da linguagem escrita de uma criança autista em ambientes tecnológicos, a partir dos multiletramentos, no atendimento educacional especializado. Teoricamente, a discussão apoia-se nos pressupostos interacionistas. A pesquisa de natureza qualitativa, baseada na metodologia de pesquisa-ação e no estudo de caso, desenvolveu-se a partir da sequência didática (quatro módulos), elaborada através da pedagogia dos multiletramentos e aplicada no Atendimento Educacional Especializado de um aluno autista com onze anos,</p>
	<p>matriculado no 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Olinda (PE). A partir do estudo, verificou-se que a utilização dos multiletramentos contribuiu para o avanço das habilidades da escrita desse aluno, abrindo perspectivas didáticas para o trabalho com crianças autistas. Os dados analisados apontam para a necessidade de a escola incorporar recursos multimodais, que contribuam para a aquisição da linguagem escrita.</p>